

Recebido: 17-01-2023 | Aprovado: 27-02-2023 | DOI: <https://doi.org/10.23882/rmd.23130>

Características psicométricas do *Brief* COPE numa amostra de famílias em risco psicossocial

Psychometric characteristics of Brief COPE in a sample of at-risk families

Cristina Nunes, Centro de Investigação em Psicologia (CIP), Universidade do Algarve,
(csnunes@ualg.pt)

Lara Ayala-Nunes, Centro de Investigação em Psicologia (CIP), Universidade do Algarve,
(lara.ayala88@gmail.com)

Cátia Martins, Centro de Investigação em Psicologia (CIP), Universidade do Algarve,
(csmartins@ualg.pt)

Pedro Pechorro, CINEICC, PsyAssessmentLab, Universidade de Coimbra,
(ppechorro@gmail.com)

Márcia Emídio, Universidade do Algarve, (a49799@ualg.pt)

Laura Inês Ferreira, Centro de Investigação em Psicologia (CIP), Universidade do Algarve,
(liferreira@ualg.pt)

Javier Pérez-Padilla, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de Jaén.
Grupo de Investigación (HUM604) Desarrollo de estilos de vida en el ciclo vital y promoción de la
salud. (jppadill@ujaen.es)

Rita Santos, Centro de Investigação em Psicologia (CIP). Universidade do Algarve,
(rasantos@ualg.pt)

Resumo: As estratégias de enfrentamento são um constructo relevante na avaliação do contexto familiar, em particular nas famílias em risco psicossocial. O presente estudo teve como objetivo analisar as características psicométricas e a estrutura fatorial do *Brief* COPE, que mede as estratégias de enfrentamento. Participaram 116 pais (80% mulheres, com uma média de idade de 35,30 anos) com menores e que beneficiavam de medidas de promoção nos serviços de proteção do Algarve. Para além do *Brief* COPE, também utilizámos um questionário sociodemográfico. Os resultados apoiam a retenção dos 28 itens, a aceitação da estrutura de 14 dimensões da versão original e mostram níveis satisfatórios de consistência interna. Apesar de algumas limitações, as propriedades psicométricas encontradas justificam a utilização deste instrumento com famílias em risco psicossocial.

Palavras-chave: Brief COPE, Estratégias de enfrentamento, Famílias em risco psicossocial, Parentalidade, Validação.

Abstract: Coping strategies are a relevant construct for assessing the family context, particularly in families at psychosocial risk. This study aimed to analyze the psychometric characteristics and factor structure of the Brief COPE, which measures coping strategies. Participants were 116 parents (80% women, age average = 35.30 years) with dependent children who had an active case with Child Protective Services in Algarve. Besides the Brief COPE, we also used a demographic questionnaire. Findings support retaining all 28 items and lend support to the 14-dimension of the original version, which obtained satisfactory levels of internal consistency. Despite some limitations, the psychometric properties found justify the use of this instrument with families at psychosocial risk.

Keywords: At-risk families, Brief COPE, Coping, Parenting, Validation.

Introdução

As famílias em risco psicossocial enfrentam graves problemas, vivem em contextos carentes de recursos e acumulam múltiplos acontecimentos de vida stressantes. Estas circunstâncias pessoais e contextuais dificultam, ou limitam, as suas competências parentais, comprometendo a sua capacidade para exercer uma parentalidade adequada e promover o harmonioso desenvolvimento dos seus filhos (Hernandez, 2023; Álvarez et al., 2020; Ayala-Nunes et al., 2017; Pérez-Padilla et al., 2017).

Estes fatores de risco podem causar elevados níveis de stresse nos pais e, conseqüentemente, ter o mesmo efeito nos seus filhos, comprometendo o seu desenvolvimento, uma vez que a quantidade e a qualidade dos recursos disponíveis para enfrentarem os stressores pode determinar a ocorrência de uma parentalidade disfuncional (Farkas & Valdés, 2010). Dado os elevados níveis de stresse parental e de acontecimentos de vida negativos que estas famílias sofrem, uma dimensão bastante relevante é o estudo das estratégias de enfrentamento que os pais utilizam (Ayala-Nunes et al., 2017; Nunes et al., 2019; Pérez-Padilla et al., 2017).

O conceito de enfrentamento (*coping*) pode ser visto como um conjunto de processos comportamentais e cognitivos, que estão em constante mudança, tendo como objetivo gerir as exigências internas e externas que vão muito além dos recursos individuais (Lazarus & Folkman, 1984). As estratégias de enfrentamento podem ser focadas no problema ou na emoção. Quando falamos de enfrentamento focado no problema, dizemos que é a capacidade de planear ou apresentar comportamentos que ajudem a ultrapassar o problema que causa sofrimento sendo

mais adaptativas em relação à diminuição do sofrimento psicológico. Por outro lado, quando se fala de enfrentamento focado na emoção o objetivo é o de ajudar a enfrentar emoções negativas causadas por algum acontecimento stressante e são estas as que melhor explicam as diferenças ocorridas no ajustamento psicológico (Afifi et al., 2020; Folkman & Lazarus, 1985).

As estratégias de enfrentamento têm sido objeto de estudo nos últimos anos, principalmente no que se refere à sua associação ao processo de stresse (Pérez et al., 2014). Alguns autores têm relacionado as estratégias de enfrentamento, no que se refere às situações stressantes ligadas ao papel parental, à qualidade da interação pai-filho (Bynum & Brody, 2005) e ao bem-estar dos próprios pais (Eisengart et al., 2003). Por isso, o estudo das estratégias de enfrentamento e a sua relação com outras dimensões do funcionamento familiar, assim como a validação e adaptação de instrumentos que avaliem estas estratégias, são iniciativas essenciais para um maior conhecimento nesta área, bem como para uma melhor avaliação e intervenção dos profissionais de saúde.

Um dos instrumentos bastante utilizado é o *Brief COPE* (Carver, 1997), que consiste numa escala de autorresposta, multidimensional e que pode ser utilizada para avaliar, tanto as estratégias de enfrentamento de stresse, como os estilos de enfrentamento (Brasileiro et al., 2016; Maroco et al., 2014; Pais-Ribeiro & Rodrigues, 2004). É composto por 14 subescalas, com dois itens cada, num total de 28 itens, onde é pedido ao participante que responda qual costuma ser a sua reação perante diferentes situações de stresse, recorrendo a uma escala de 4 pontos do tipo *Likert*, onde as suas respostas variam entre 1 (não tenho agido desta forma) e 4 (tenho agido desta forma muitas vezes). Mede 14 reações diferenciadas de enfrentamento, nomeadamente o *coping* ativo, o planeamento, a reinterpretção cognitiva, a aceitação, o humor, a religião, o suporte emocional, o suporte instrumental, a autodistração, a negação, a expressão de sentimentos, o uso de substâncias, o desinvestimento comportamental e a autculpabilização.

Esta versão breve foi construída a partir da versão completa do instrumento que incluía 60 itens. Foram utilizados dois critérios para seleccionar os itens: retenção dos itens com cargas fatoriais mais elevadas na versão original e manter os itens que eram mais claros e fáceis para a população não universitária (Carver, 1997).

O estudo original de Carver (1997), realizado em Miami (EUA) com 168 participantes que tinham sobrevivido a um furacão, utilizou uma análise exploratória com uma rotação oblíqua, de modo a permitir correlações entre os fatores. Como resultado, nove dos 14 fatores cumpriam com o critério de Kaiser (i.e., *eigenvalues* superiores a 1.0), que explicava 72,4% da variância total. No que se refere aos resultados de avaliação da consistência interna, estes apresentaram níveis satisfatórios, com a exceção de três escalas - as escalas de aceitação ($\alpha = .57$), de expressão de sentimentos ($\alpha = .50$) e de negação ($\alpha = .54$). Dado o interesse, as boas características psicométricas e a validade fatorial demonstrada por este instrumento, realizaram-se várias traduções e validações desta escala. São exemplos as validações espanholas (Morán et al., 2010; Perczek et al., 2000), a francesa (Doron et al., 2014; Muller & Spitz, 2003), a grega (Kapsou et al., 2010), a brasileira e as portuguesas (Brasileiro et al., 2016; Maroco et al., 2014; Pais Ribeiro & Rodrigues, 2004).

A adaptação portuguesa de Pais Ribeiro e Rodrigues (2004) foi realizada recorrendo a uma amostra de 364 de jovens adultos e através de uma análise fatorial exploratória com rotação oblíqua e obteve uma solução de 14 fatores, idêntica ao estudo de Carver (1997). Nove escalas apresentaram valores próprios superiores a 1 e a solução de 14 fatores explicou 67,4% da variância total. Os valores de consistência interna variaram entre .55 - .84, sendo apenas a escala de aceitação a que revelou níveis abaixo do satisfatório (i.e., $< .70$; $\alpha = .55$).

O estudo de adaptação transcultural Brasil-Portugal da escala *Brief* COPE (Maroco et al., 2014), desenvolvido com uma amostra de 1573 estudantes do ensino superior, também demonstrou que se trata de um instrumento válido e confiável, com uma boa consistência interna na maioria das subescalas (i.e., os valores de alfa de Cronbach oscilaram entre os .70 e .85), com a exceção da subescala de aceitação, que na amostra portuguesa apresentou um $\alpha = .46$.

Dada a relevância deste constructo na avaliação do contexto familiar, em particular nas famílias em risco psicossocial, propusemo-nos neste estudo analisar as características psicométricas e a estrutura fatorial do *Brief* COPE, através de uma análise fatorial confirmatória.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 116 famílias, com crianças cujas idades se compreendiam entre os 0 e os 18 anos, residentes no Algarve, que beneficiavam de uma medida de promoção nas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ). Os participantes foram selecionados pelos técnicos das instituições, utilizando os seguintes critérios: 1) ter pelo menos um filho dependente menor de idade; 2) sofrer de vários problemas e situações de risco para os seus filhos que, embora importantes, não alcançavam um grau de severidade suficiente para justificar medidas de retirada.

A maioria dos participantes eram mães (80%), com idades compreendidas entre os 16 e 51 anos ($M = 35.30$; $DP = 7.68$). Os pais (20%) tinham idades que variavam entre 20 e 61 anos ($M = 42.00$; $DP = 10.12$). O nível de estudos dos participantes da amostra era baixo: 43% não tinha completado os estudos primários e 33% tinha apenas concluído o ensino básico, 19% completaram o ensino secundário e 5% tinha estudos universitários.

Instrumentos

Brief COPE (Carver, 1997). Tal como descrito anteriormente, é uma escala composta por 28 itens, de autorresposta, multidimensional e que pode ser utilizada para avaliar tanto estratégias como estilos de enfrentamento (Tabela 1). A tradução inicial do inglês para o português foi realizada pelas duas primeiras autoras deste estudo, assegurando a compreensão correta do significado dos itens. O questionário foi novamente retrovertido para o inglês, por um nativo com considerável experiência profissional em tradução de textos científicos de psicologia. A adaptação cultural foi especialmente considerada, tendo em conta a clareza, o uso da linguagem comum e a equivalência conceptual da escala.

Questionário de dados sociodemográficos. Questionário construído *ad hoc* e que recolheu a seguinte informação: idade, sexo, nível de escolaridade e situação laboral dos participantes, idade e sexo dos filhos.

Tabela 1*Subescalas e itens do Brief COPE*

Subescalas	Itens	
1. <i>Coping</i> Ativo	Tenho concentrado os meus esforços para resolver a situação em que me encontro (Item 2).	Tenho feito coisas para tentar melhorar a situação (Item 7).
2. Planeamento	Tenho tentado arranjar uma estratégia sobre o que fazer (Item 14).	Tenho pensado bastante sobre os passos que devo dar (Item 25).
3. Reinterpretação Positiva	Tenho tentado ver isto numa perspetiva diferente para que pareça mais positivo (Item 12).	Tenho procurado ver algo de bom no que está a acontecer (Item 17).
4. Aceitação	Estou a aceitar a realidade daquilo que me aconteceu (Item 20).	Tenho estado a aprender a viver com isto (Item 24).
5. Humor	Tenho feito piadas sobre isto (Item 18).	Tenho brincado com a situação (Item 28).
6. Religião	Tenho tentado encontrar conforto na minha religião ou crenças espirituais (Item 22).	Tenho rezado ou meditado (Item 27).
7. Utilizar Suporte Emocional	As pessoas têm-me dado apoio emocional (Item 5).	Tenho tido o conforto e a compreensão de alguém (Item 15).
8. Utilizar Suporte Instrumental	Tenho tentado arranjar conselhos ou ajuda de outras pessoas sobre o que fazer (Item 23).	Tenho tido ajuda e conselhos de outras pessoas (Item 10).
9. Autodistração	Tenho-me refugiado no trabalho ou noutras atividades para esquecer certas coisas (Item 1).	Tenho feito coisas para pensar menos sobre isto, por exemplo, ir ao cinema, ver televisão, ler, sonhar acordado, dormir ou ir às compras (Item 19).
10. Negação	Tenho dito a mim mesmo(a): “isto não está a acontecer” (Item 3).	Tenho recusado acreditar que isto aconteceu (Item 8).
11. Expressão de Sentimentos	Tenho dito coisas para me libertar dos meus sentimentos desagradáveis (Item 9).	Tenho manifestado os meus sentimentos negativos (Item 21).
12. Uso de Substâncias	Tenho-me refugiado no álcool ou noutros medicamentos/drogas para me sentir melhor (Item 4).	Consumi álcool ou outros medicamentos/drogas para me ajudar a ultrapassar isto (Item 11).
13. Desinvestimento Comportamental	Desisti de tentar lidar com isto (Item 6).	Desisti de tentar afrontar isto (Item 16).
14. Autoculpabilização	Tenho-me criticado a mim próprio(a) (Item 13).	Tenho-me culpado pelas coisas que aconteceram (Item 26).

Procedimentos

Após o estabelecimento de protocolos de colaboração com as CPCJs do Algarve, que intervêm junto destas famílias, os técnicos das instituições colaboradoras selecionaram os progenitores que cumpriam os critérios de inclusão e convidaram-nos a participar no estudo. Posteriormente os entrevistadores, que tinham recebido formação para a aplicação dos instrumentos, deslocaram-se às instituições para entrevistar os progenitores que haviam concordado participar. Os participantes foram informados acerca dos objetivos do estudo, do carácter não compensatório da sua participação, da natureza anónima e confidencial das suas respostas e da possibilidade de desistir do estudo em qualquer momento, sem que isso representasse quaisquer consequências para eles. Após a assinatura do consentimento informado, os questionários foram aplicados através de entrevista individual. Quando necessário, os entrevistadores liam as perguntas e os participantes assinalavam no questionário a resposta. O estudo foi aprovado pelo Conselho Científico da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (CC_55_20/12/2017).

Análises de Dados

Os dados foram analisados com o *software* SPSS v25 (IBM SPSS, 2017). A análise da estrutura fatorial do *Brief* COPE foi efetuada no *software* EQS (Bentler & Wu, 2015), com estimativa por Máxima Verosimilhança (ML). Os índices de ajustamento foram calculados através do Qui-quadrado de Satorra-Bentler/graus de liberdade, CFI (Comparative Fit Index), IFI (Incremental Fit Index), RMSEA (Root Mean Square Error of Approximation). Os valores $CFI \geq .90$ e $RMSEA < .10$ indicavam um ajustamento adequado; os valores de $CFI \geq .95$ e $RMSEA \leq .06$ indicavam um bom ajustamento. Um valor de $IFI \geq .90$ era considerado aceitável (Byrne, 2013). A AFC foi efetuada diretamente nos itens. Não foram utilizados Índices de Modificação para melhoria do ajustamento do modelo.

Foram utilizadas as correlações de Pearson para analisar as associações entre variáveis escalares (Knapp, 2017). Foram consideradas correlações fracas aquelas cujos valores variavam entre 0 e .20, correlações moderadas quando oscilavam

entre .20 e .50, e correlações fortes todas as que se situavam acima de .50 (Ferguson, 2016). A consistência interna, avaliada através do alfa de Cronbach, foi considerada adequada quando os valores se encontravam acima de .70 e as correlações item-total corrigidas quando acima de .30 (Tabachnick & Fidell, 2019).

Resultados

Análise descritiva do *Brief COPE*

A tabela 2 mostra que os índices de assimetria e de curtose não se afastam muito da normalidade, atendendo aos seus valores de referência ($Sk < 3$ e $Ku < 10$); a assimetria varia entre 0.03 e 2.62, e a curtose entre -0.12 e 6.33. Ao nível da consistência interna, nenhum dos itens, se retirado, melhorava consideravelmente o alfa total do brief COPE ($\alpha = .75$), pelo que se mantiveram os 28 itens (Tabela 2).

Tabela 2

Análise da capacidade discriminante do Brief COPE em famílias em risco (N=116)

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Assimetria	Curtose	<i>r</i> item-total corrigido	α se eliminar o item
Item 1	2.35	1.28	0.14	-1.68	.30	.74
Item 2	3.54	0.69	-1.53	2.14	.23	.75
Item 3	2.91	1.17	-0.60	-1.15	.23	.75
Item 4	1.26	0.64	2.62	6.33	.15	.75
Item 5	2.66	1.06	-0.15	-1.21	.40	.73
Item 6	1.39	0.80	2.08	3.43	.13	.75
Item 7	3.57	0.56	-0.87	-0.24	.34	.74
Item 8	2.00	1.12	0.59	-1.15	.18	.75
Item 9	2.36	1.12	0.03	-1.41	.24	.75
Item 10	2.86	1.01	-0.43	-0.92	.40	.73
Item 11	1.34	0.75	2.24	4.17	.26	.74

Item 12	2.88	0.97	-0.45	-0.78	.23	.75
Item 13	2.84	1.09	-0.55	-0.98	.32	.74
Item 14	3.30	0.70	-0.65	-0.12	.40	.74
Item 15	2.99	1.00	-0.70	-0.58	.42	.73
Item 16	1.41	0.79	1.92	2.77	.24	.74
Item 17	2.83	0.99	-0.34	-0.98	.38	.74
Item 18	1.74	1.00	0.95	-0.50	.04	.76
Item 19	2.41	1.09	-0.01	-1.33	.22	.75
Item 20	2.94	0.94	-0.76	-0.18	.38	.74
Item 21	2.28	0.98	0.17	-1.01	.22	.75
Item 22	1.88	1.12	0.83	-0.85	.33	.74
Item 23	2.89	0.95	-0.61	-0.47	.37	.74
Item 24	3.13	0.81	-0.82	-0.38	.46	.73
Item 25	3.46	0.71	-1.08	0.35	.30	.74
Item 26	2.59	1.11	-0.14	-1.31	.24	.75
Item 27	2.14	1.19	0.44	-1.38	.18	.75
Item 28	1.59	0.86	1.13	-0.00	.12	.75

Nota. M = Média; DP = Desvio-padrão; r = Correlação de Pearson; α = Alfa de Cronbach.

Na Tabela 3, podemos observar que as subescalas que apresentaram uma média mais elevada foram o *coping* ativo ($M= 3,55$; $DP = 0,54$) e o planejamento ($M = 3,37$; $DP = 0,59$).

Tabela 3

Estatística descritiva e correlações entre as dimensões do Brief COPE em famílias em risco (N=116)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
CA	-	.55**	.46**	.35**	.12	.08	.23*	.23*	-.03	-.03	-.03	-.04	-.20*	.04
P		-	.35**	.34**	.01	.15	.26**	.30**	.08	.08	.09	.07	-.07	.10
RP			-	.53**	.13	.17	.30**	.18	.16	-.06	-.06	.07	-.13	.03
A				-	.19*	.23*	.33**	.29**	.23*	-.02	-.12	.03	-.01	.16
H					-	-.02	.20*	.05	-.07	-.15	-.04	-.14	-.14	-.04
R						-	.09	.09	-.07	-.03	.07	.29**	.09	.13
SE							-	.71**	.07	-.03	.22*	-.02	-.12	-.09
SI								-	.13	.06	.12	.11	-.11	-.02
AD									-	.29**	.22*	.01	.34**	.28**
N										-	.24**	.02	.34**	.31**
ES											-	.22*	.24**	.14
US												-	.12	.13
DC													-	.24**
AC														-
<i>M</i>	3.55	3.37	2.85	3.03	1.66	2.00	2.82	2.87	2.37	2.45	2.32	1.3	1.39	2.71
<i>DP</i>	0.54	0.59	0.78	0.75	0.85	1.02	0.94	0.86	0.93	0.96	0.85	0.66	0.72	0.96
<i>A</i>	-1.15	-0.6	-0.19	-0.75	1.01	0.61	-0.38	-0.49	0.11	-0.01	-0.03	2.36	1.95	-0.4
<i>K</i>	1.08	-0.38	-0.71	0.34	-0.22	-0.9	-0.9	-0.52	-1.01	-1.08	-0.9	5.13	3.13	-0.86

Nota. CA: Coping Activo, P: Planejamento, RP: Reinterpretação Positiva, A: Aceitação, H: Humor, R: Religião, SE: Utiliza Suporte Emocional, SI: Utilizar Suporte Instrumental, AD: Autodistração, N: Negação, ES: Expressão de Sentimentos, US: Uso de Substâncias, DC: Desinvestimento Comportamental, AC: Autoculpabilização. *M* = Média, *DP* = Desvio-padrão, *A* = Assimetria; *C* = Curtose. * $p < .05$; ** $p < .01$.

Análise confirmatória do *Brief COPE*

A Tabela 4 mostra os diferentes modelos testados. Podemos observar que apenas o modelo de 14 fatores apresentou indicadores de ajuste adequado: $\chi^2(259) = 1126.73$; $p < .001$; $\chi^2/gl = 1.06$; CFI = .99; IFI = .99; NNFI = .98; RMSEA = .02 (IC = .00 - .04); AIC = 244.01

Tabela 4

Qualidade dos índices de ajuste para diferentes modelos do Brief COPE

<i>Brief COPE</i>	S-B χ^2/gl	IFI	NNFI	CFI	RMSEA	Intervalo de Confiança (90%)	AIC
Modelo Unifactorial	3.22	.43	.38	.42	.14	.13 - .15	42674
Modelo 14 fatores	1.06	.99	.98	.99	.02	.00 - .04	-244.01

Nota. S-B χ^2 = Qui-quadrado Satorra-Bentler; *gl* = Graus de liberdade; IFI = Incremental Fit Index; CFI = Comparative Fit Index; NNFI = Non-Normed Fit Index; RMSEA = Root Mean Square Error of Approximation; AIC = Akaike Information Criterion.

A maioria dos itens saturou acima de .30 e, embora os itens 3, 6, 8, 12, 13, 18, 19, 21, 27 e 28 apresentem uma correlação abaixo do valor de referência (Tabela 5), nenhum dos itens foi removido do modelo.

Tabela 5*Cargas fatoriais do modelo de 14 fatores do Brief COPE*

<i>Brief COPE</i>	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	F13	F14
Item 2	.34													
Item 7	.41													
Item 14		.52												
Item 25		.33												
Item 12			.25											
Item 17			.49											
Item 20				.51										
Item 24				.43										
Item 18					.22									
Item 28					.10									
Item 22						.51								
Item 27						.21								
Item 5							.48							
Item 15							.52							
Item 23								.51						
Item 10								.36						
Item 1									.34					
Item 19									.15					
Item 3										.21				
Item 8										.26				
Item 9											.29			
Item 21											.22			
Item 4												.30		
Item 11												.41		
Item 6													.23	
Item 16													.29	
Item 13														.19
Item 26														.30

Nota. F = Fator.

Análise da fiabilidade do *Brief* COPE

Em relação às médias das correlações inter-itens, os resultados demonstram-se adequados, onde todas as subescalas apresentaram valores acima de .20, revelando uma boa homogeneidade dos itens, ainda que alguns ligeiramente acima dos valores recomendados (entre .15 e .50). As correlações corrigidas entre o item e o total (.28 - .79) foram aceitáveis (>.40). Os índices de consistência interna, medidos pelo alfa de Cronbach, oscilaram entre .37 -.88 (Tabela 6).

Tabela 6

Alfa de Cronbach, média das correlações inter-itens e correlações item-total corrigida

Subescalas	Alfa	MIIC	CITCR
Coping Ativo	.67	.52	.52
Planeamento	.57	.40	.40
Reinterpretação Positiva	.44	.28	.28
Aceitação	.63	.46	.46
Humor	.80	.67	.67
Religião	.72	.56	.56
Utilizar Suporte Emocional	.81	.68	.68
Utilizar Suporte Instrumental	.72	.56	.56
Autodistração	.37	.23	.23
Negação	.59	.42	.42
Expressão de Sentimentos	.46	.30	.30
Uso de Substâncias	.88	.79	.79
Desinvestimento Comportamental	.80	.67	.67
Autoculpabilização	.68	.52	.52

Nota. Alfa = Alfa de Cronbach; MIIC = Média das correlações inter-itens; CITCR = correlação item-total corrigida

Discussão

Cada vez mais se revela importante, não só a utilização de instrumentos devidamente traduzidos, mas também a sua adaptação e validação face a subgrupos da população, cujas especificidades podem afetar a análise e a potencialidade interpretativa dos resultados fornecidos (Nunes et al., 2023). Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo principal analisar as características psicométricas e a estrutura fatorial de um instrumento de avaliação das estratégias e dos estilos de enfrentamento de stress, o *Brief COPE* (Carver, 1997), numa amostra de famílias em risco psicossocial.

Esta escala, composta por 28 itens que avaliam um total de 14 dimensões (e.g., *coping* ativo, planeamento, suporte emocional, negação, autculpabilização; ver Tabela 1), é um instrumento bastante utilizado na avaliação dos níveis de enfrentamento, traduzido para várias línguas (e.g., Muller & Spitz, 2003; Perczek et al., 2000), nomeadamente para a portuguesa (Maroco et al., 2014; Pais Ribeiro & Rodrigues, 2004).

Considerando que a população-alvo eram as famílias em risco psicossocial, realizou-se, num primeiro momento, um processo de tradução do original inglês e retroversão do questionário, tendo em conta aspetos de clareza, utilização de linguagem acessível/comum e a equivalência escalar, ou seja, por um lado que os itens fossem compreendidos pelos participantes e, por outro, sem que o seu sentido original fosse desvirtuado.

Num segundo momento, procedeu-se à realização de estudo psicométrico com finalidade confirmatória. Os resultados encontrados proporcionaram suporte para a inclusão de todos os itens, uma vez que apresentaram sensibilidade psicométrica (i.e., índices de assimetria e curtose dentro dos valores recomendados), correlações item-total corrigido superiores, de grosso modo, à referência (i.e., $> .30$) e valores de Alfa de Cronbach acima de $.70$. Quanto à estrutura fatorial, o modelo original de 14 dimensões apresentou bons indicadores de ajustamento, com a maioria dos itens a saturar acima de $.30$ nos respetivos fatores, pelo que não se procedeu à eliminação de nenhum item. Contudo, salientamos que alguns itens obtiveram correlações baixas, o que poderá ser um indicador de vulnerabilidade.

Na generalidade, as dimensões revelaram correlações inter-itens adequadas, evidenciando uma boa homogeneidade e valores de alfa de Cronbach, na sua maioria, dentro dos parâmetros recomendados ($> .70$). À semelhança dos itens, também os valores aqui indicaram algumas fragilidades, com seis fatores com valores abaixo de $.70$. Estes resultados são consistentes com algumas controvérsias encontradas noutras validações do *Brief*COPE (e.g., Brasileiro et al., 2016). Desde o estudo original (Carver, 1997), que inicialmente encontrou uma estrutura de 14 fatores e valores de alfa de Cronbach entre $.54$ e $.90$, até uma série de outras investigações, identificadas até 2010 por Krägeloh (2011) e até 2015 por Brasileiro et al. (2016), que salientaram diversas vulnerabilidades ao nível da estrutura fatorial (consoante a técnica utilizada) e fiabilidade (i.e., valores de alfa baixos em algumas subescalas). O estudo de validação do instrumento para português (Pais Ribeiro & Rodrigues, 2004), com uma amostra maior do que a do presente trabalho, também encontrou fragilidades em alguns fatores, no que diz respeito aos níveis de consistência interna e de saturação dos itens, mas compatíveis com o estudo inicial de Carver (1997). Atendendo ao facto de o instrumento ter apenas dois itens por fator, seria expectável encontrar índices de confiabilidade mais baixos do que o recomendado, pelo que consideramos que *Brief*COPE como um instrumento fiável.

Na globalidade, e também à semelhança de outros estudos (e.g., Maroco et al., 2014; Muller & Spitz, 2003; Pais-Ribeiro & Rodrigues, 2004), a estrutura original de Carver (1997) foi apoiada pela análise fatorial confirmatória realizada, pelo que a utilização deste instrumento para a avaliação de famílias portuguesas em situação de risco psicossocial é adequada. Contudo, considera-se pertinente salientar que as amostras utilizadas neste e noutros estudos efetuados com recurso à versão portuguesa do *Brief*COPE (e.g., Brasileiro et al., 2016; Maroco et al., 2014; Pais-Ribeiro & Rodrigues, 2004) apresentam diferentes contextos (ou seja, amostras com idades, níveis socioeconómicos e níveis educativos diferentes), o que poderá dificultar comparações mais lineares. Ainda assim, no que se refere à solução fatorial, consideramos os nossos resultados compatíveis com investigações com amostras portuguesas (Maroco et al., 2014; Pais-Ribeiro & Rodrigues, 2004) e com o original de Carver (1997), pelo que não se sugerem alterações.

De facto, a estrutura de 14 escalas do *Brief COPE* tem inerente um longo processo de aperfeiçoamento (Carver et al., 1989) que, na sua versão final, reflete, por um lado, o modelo transacional de *stress* e *coping* de Folkman e Lazarus (1980) e, por outro, o modelo de auto-regulação comportamental desenvolvido por Carver e Scheier (1990). As explicações transacionais de stress enaltecem os processos cognitivo-fenomenológicos que permitem aos indivíduos atribuir significado ao seu ambiente, enfatizando a sua natureza relacional e dinâmica, na qual o stress poderá evidenciar-se (Biggs et al., 2017; Lazarus & Folkman, 1984). A teoria de Carver e Scheier (1990) foca-se nos processos baseados em feedback através dos quais as pessoas autorregulam as suas ações para minimizar as discrepâncias entre os atos atuais e os atos desejados ou pretendidos. Assim, encontramos no *Brief COPE* diferentes reações de enfrentamento que, por um lado, refletem estratégias de automonitorização (e.g., planeamento, reinterpretação cognitiva, autodistração) e, por outro, de interação com o contexto (e.g., humor, uso de substâncias).

No que se refere aos resultados obtidos nas subescalas, salientam-se os valores médios mais baixos nas dimensões de humor, religião, uso de substâncias e desinvestimento comportamental, que poderá indicar, no caso das duas primeiras, que estas competências não se adequam enquanto estratégia de enfrentamento de situações de stresse (e.g., por maior rigidez cognitiva ou ausência de envolvimento em contexto religioso) e, quanto às duas últimas, pela possibilidade dos pais terem dado uma resposta mais baseada numa desejabilidade social ou negação, do que sua experiência real (e.g., Brasileiro et al., 2016). Relativamente às médias mais elevadas (i.e., *coping* ativo, planeamento e aceitação), os resultados parecem indicar que os participantes, no exercício da sua parentalidade, preferem e valorizam mais a adoção de estratégias de enfrentamento mais positivas e adaptativas.

Embora se tenham encontrado algumas vulnerabilidades e limitações na utilização desta escala de avaliação das estratégias de enfrentamento em situações de stress a que os pais recorrem no exercício da sua parentalidade, que poderão ser endereçadas em futuras investigações, o presente estudo apresenta-se como um importante contributo para profissionais e investigadores na área da avaliação e intervenção em famílias de risco.

Referências

- Afifi, T. D., Basinger, E. D., & Kam, J. A. (2020). The extended theoretical model of communal coping: Understanding the properties and functionality of communal coping. *Journal of Communication, 70*(3), 424-446. <https://doi.org/10.1093/joc/jqaa006>
- Álvarez, M., Byrne, S., & Rodrigo, M. J. (2020). Patterns of individual change and program satisfaction in a positive parenting program for parents at psychosocial risk. *Child & Family Social Work, 25*(2), 230-239. <https://doi.org/10.1111/cfs.12678>
- Ayala-Nunes, L., Nunes, C., & Lemos, I. (2017). Social support and parenting stress in at-risk Portuguese families. *Journal of Social Work, 17*(2), 207-225. <https://doi.org/10.1177/1468017316640200>
- Bentler, P., & Wu, E. (2015). *Supplement to EQS 6.3 for Windows user's guide*. Multivariate Software.
- Biggs, A., Brough, P., & Drummond, S. (2017). Lazarus and Folkman's psychological stress and coping theory. In C. Looper and J.C. Quick. (Eds.), *The handbook of stress and health: A guide to research and practice* (pp. 351-364). John Wiley & Sons, Ltd.
- Brasileiro, S., Orsini, M., Cavalcante, J., Bartholomeu, D., Montiel, J., Costa, P., & Costa, L. (2016). Controversies regarding the psychometric properties of the Brief COPE: The case of the Brazilian-Portuguese version "COPE Breve". *PLoS ONE, 11*(3), e0152233. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0152233>
- Bynum, M. S., & Brody, G. H. (2005). Coping Behaviors, Parenting, and Perceptions of Children's Internalizing and Externalizing Problems in Rural African American Mothers. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies, 54*(1), 58-71. <https://doi.org/10.1111/j.0197-6664.2005.00006.x>
- Byrne, B. M. (2013). *Structural equation modeling with EQS: Basic concepts, applications, and programming* (2nd ed.). Routledge.
- Carver, C. S. (1997). You want to measure coping but your protocol's too long: Consider the Brief COPE. *International Journal of Behavioral Medicine, 4*(1), 92-100. https://doi.org/10.1207/s15327558ijbm0401_6
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1990). Origins and functions of positive and negative affect: a control-process view. *Psychological review, 97*(1), 19-35. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.97.1.19>
- Carver, C. S., Scheier, M. F., & Weintraub, J. K. (1989). Assessing coping strategies: a theoretically based approach. *Journal of personality and social psychology, 56*(2), 267. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.56.2.267>

- Doron, J., Trouillet, R., Gana, K., Boiché, J., Neveu, D., & Ninot, G. (2014). Examination of the hierarchical structure of the brief COPE in a French sample: empirical and theoretical convergences. *Journal of Personality Assessment, 96*(5), 567-575. <https://doi.org/10.1080/00223891.2014.886255>
- Eisengart, S. P., Singer, L. T., Fulton, S., & Baley, J. E. (2003). Coping and psychological distress in mothers of very low birth weight young children. *Parenting: Science and Practice, 3*(1), 49-72. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0301_03
- Farkas, C., & Valdés, N. (2010). Maternal stress and perceptions of self-efficacy in socioeconomically disadvantaged mothers: An explicative model. *Infant Behavior and Development, 33*(4), 654-662. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2010.09.001>
- Ferguson, C. J. (2016). An effect size primer: A guide for clinicians and researchers. In A. E. Kazdin (Ed.), *Methodological issues and strategies in clinical research* (4th ed., pp. 301-310). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14805-020>
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior, 21*(3), 219-239. <https://doi.org/10.2307/2136617>
- Folkman, S., & Lazarus, R. (1985). If it changes must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology, 48*(1), 150-170. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.48.1.150>
- Hernandez, F. J. R. (2023). Programas de Educación Parental para progenitores con hijos de 5 a 18 años. *Revista Multidisciplinar, 5*(1), 5-33. <https://doi.org/10.23882/rmd.23108>
- Kapsou, M., Panayiotou, G., Kokkinos, C. M., & Demetriou, A. G. (2010). Dimensionality of coping: An empirical contribution to the construct validation of the Brief-COPE with a Greek-speaking sample. *Journal of Health Psychology, 15*(2), 215-229. <https://doi.org/10.1177/1359105309346516>
- Knapp, H. (2017). *Intermediate statistics using SPSS*. Sage Publications.
- Krägeloh, C. U. (2011). A systematic review of studies using the Brief COPE: Religious coping in factor analyses. *Religions, 2*(3), 216-246. <https://doi.org/10.3390/rel2030216>
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, Appraisal, and Coping*. Springer.
- Maroco, J., Campos, J. B., Bonafé, F. S., Vinagre, M. D. G., & Pais-Ribeiro, J. (2014). Adaptação transcultural Brasil-Portugal da escala Brief COPE para estudantes do ensino superior. *Psicologia, Saúde & Doenças, 15*(2), 300-313. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v15n2/v15n2a01.pdf>
- Morán, C., Landero, R., & González, M. T. (2010). COPE-28: un análisis psicométrico de la versión en español del Brief COPE. *Universitas Psychologica, 9*(2), 543-552. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/up/v9n2/v9n2a20.pdf>
- Muller, L., & Spitz, E. (2003). Multidimensional assessment of coping: validation of the Brief COPE among French population. *L'encéphale, 29*(6), 507-518. <https://hal.univ-lorraine.fr/hal-02936831/document>

-
- Nunes, C., Ayala-Nunes, L., Martins, C., & Gonçalves, A. (2019). As famílias em risco Psicossocial no Algarve. In C. Nunes e L. Ayala-Nunes (Coords.), *Famílias em risco. Avaliação e intervenção psicoeducativa* (cap. 4, pp. 129-146). Sílabas.
- Nunes, C., Ayala-Nunes, L., Pechorro, P., Dias, M., Ferreira, L. I., & Martins, C. (2023). Inventário de Aliança Parental (PAI): Características psicométricas com famílias em risco psicossocial. *Revista Multidisciplinar*, 5(1), 35-53. <https://doi.org/10.23882/rmd.23107>
- Pais-Ribeiro, J. L., & Rodrigues, A. P. (2004). Questões acerca do *coping*: A propósito do estudo de adaptação do Brief Cope. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 1(V), 3-15. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v5n1/v5n1a01.pdf>
- Pérez, J., Menéndez, S., & Hidalgo, V. (2014). Estrés parental, estrategias de afrontamiento y evaluación del riesgo en madres de familias en riesgo usuarias de los Servicios Sociales. *Psychosocial Intervention*, 23(1), 25-32. <https://doi.org/10.5093/in2014a3>
- Pérez-Padilla, J., Ayala-Nunes, L., Hidalgo, M. V., Nunes, C., Lemos, I., & Menéndez, S. (2017). Parenting and stress: A study with Spanish and Portuguese at-risk families. *International Social Work*, 60(4), 1001–1014. <https://doi.org/10.1177/0020872815594220>
- Perczek, R., Carver, C. S., Price, A. A., & Pozo-Kaderman, C. (2000). Coping, mood, and aspects of personality in Spanish translation and evidence of convergence with English versions. *Journal of Personality Assessment*, 74(1), 63-87. <https://doi.org/10.1207/S15327752JPA740105>
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (2019). *Using multivariate statistics* (7th ed.). Pearson Education.